

Retórica e a Teoria do Jornalismo: Frei Caneca, precursor de uma teoria do jornalismo brasileiro ¹

Tatiane E. M. de CARVALHO²
Faculdade Canção Nova, Cachoeira Paulista, SP

RESUMO

A reconstrução do pensamento comunicacional de Frei Caneca, através dos seus estudos de retórica e a análise de suas atividades desenvolvidas na imprensa brasileira, constituem os objetivos desta pesquisa. Trata-se de um estudo exploratório, baseado em fontes bibliográficas e documentais, com o propósito de entender o contexto histórico da retórica e do jornalismo brasileiro na época. Para caracterizar o jornalismo praticado por Frei Caneca foi aplicado o método misto – quantitativo e qualitativo – da análise de conteúdo. Os resultados apontam que Frei Caneca, por meio da retórica, iniciou a produção de um jornalismo argumentativo estruturado, pois seus textos tinham base teórica. Desta forma, colaborou para o prosseguimento dos estudos de Teoria do Jornalismo ao fazer uma leitura brasileira da retórica e da eloquência.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Teoria do Jornalismo, Retórica, Frei Caneca.

Introdução

A presente pesquisa originou-se através dos estudos do professor José Marques de Melo ao descrever Frei Caneca como precursor da teoria da comunicação brasileira, sua hipótese era baseada no fato do carmelita ter se dedicado aos estudos retóricos, produzindo textos didáticos, discursando em praças públicas e ter redigido o jornal *Typhis Pernambucano* com o objetivo de persuadir e convencer a população da época sobre suas ideias e pensamento. Esta pesquisada foi publicada em seu livro *História do Pensamento Comunicacional: cenário e personagens* (2003), e no anuário da Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação *Matrizes Comunicacionais Latino – Americano* (2002).

Passado alguns anos, o professor refaz suas reflexões e apresenta outra hipótese sobre o personagem: a de que ele faz parte do jornalismo “embrionário” da nossa história, ou seja, o religioso também contribuiu para o surgimento da imprensa no Brasil. Marques de Melo descreve o pensamento do frade como “encarcerado” (2009, p.08).

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Comunicação Social, habilitada em Jornalismo pela Fatea – Faculdades Integradas Teresa D’Ávilla. Professora da Faculdade Canção Nova nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV. E-mail: tatieulalia@yahoo.com.br

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Com propósito de dar continuidade aos estudos do professor Marques de Melo, o principal objetivo desta pesquisa é reconstruir o pensamento comunicacional de Frei Caneca, apoiando-se em suas publicações, averiguando o sentido das suas expressões e conceitos jornalísticos, a fim de conhecer as circunstâncias históricas e ambientais de seu pensamento.

Por que pesquisar o pensamento comunicacional de Frei Caneca? Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca foi um personagem de destaque da História do Brasil, devido sua participação política, religiosa, educativa e comunicacional no contexto sócio – cultural de sua época.

Com esta pesquisa pretende-se contribuir para a construção da História da Imprensa do Brasil, revisando os fatos que descreveram a época em que o jornalismo começou a ter voz no país, pois Dom Pedro I havia acabado de outorgar a Liberdade de Imprensa e Frei Caneca fez dessa outorgada sua maior força para escrever os primeiros manifestos. Também pretende-se contribuir para novas discussões aos estudos de Teoria do Jornalismo, acrescentando informações e revendo conceitos já aplicados.

Frei Caneca

Joaquim do Amor Divino Rabelo era o nome inicial de Frei Caneca, filho de Domingos da Silva Rabelo e Francisca Alexandrina de Siqueira. A data de seu nascimento foi reconhecida somente pelos documentos do seu inquérito militar: Recife, 1779. Naquela época o documento equivalente à certidão de nascimento era o do batismo e os registros de Frei Caneca nunca foram encontrados, nem por pesquisadores.

Sua biografia começa a ser notória quando entra para o seminário dos carmelitas, a partir daí transformou-se em uma figura de referência para os estudos da história do Brasil entre os anos de 1817 e 1824, principalmente em Pernambuco devido sua atuação política na Revolução de 1817 e na Confederação do Equador, em 1824.

Ao se ordenar como frade carmelita, em 1801, aos 22 anos, mudou seu nome para Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca, em homenagem ao seu pai. E em 1803 foi nomeado professor de retórica, filosofia e geometria aplicando sua vocação para o ensino.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Naquela época o iluminismo filosófico, o enciclopedismo da Europa, o naturalismo rousseaiano, o igualitarismo e liberalismo da Revolução Francesa, como também o constitucionalismo derivado das leis de Montesquieu, e o modelo de Independência dos Estados Unidos, fez com que consolidassem novas ideias e doutrinas no Brasil. Com Frei Caneca não foi diferente, ao iniciar seus estudos no Seminário de Olinda, foi inflamado pelas ideias liberais, que contribuíram para o seu pensamento libertador.

Na época, as atividades de letras estavam concentradas, em grande parte, nas mãos da Igreja que comportava-se como uma entidade de formação de intelectuais. Porém, a origem deste ensino teve fiscalização e repressão por infiltrar-se nas ideias da Revolução Francesa (com a inquisição e a censura prévia). E o Seminário de Olinda foi um dos principais centros de educação de novas ideias políticas e culturais da Igreja durante o Brasil colonial e Frei Caneca foi parte integrante dessa educação.

A pesquisadora Mariana Ribeiro (2005) diz que a cultura do religioso era vasta e notória, compunha-se de aspectos do liberalismo clássico, principalmente com ideias de liberdade e igualdade, a um liberalismo mais racional, com pensamento soberano, autoritário, ordem e obediência. Era defensor do equilíbrio dos poderes, sobretudo do fortalecimento da civilização através da educação, do esclarecimento e da propagação do saber.

Exemplos destes pensamentos estão nas obras didáticas produzidas por Frei Caneca, que expressam todo seu espírito intelectual e político.

Caneca foi preso e acusado por ter participado de treinamentos de guerrilha, marchado junto com tropas de rebeldes em direção ao Norte, de ser amigo do padre João Ribeiro e de ter ligação direta com o movimento de 1817, ficou preso durante quatro anos, entre 1817 e 1821.

Em fevereiro de 1821 Frei Caneca é liberto da prisão, o religioso começava naquele momento um projeto de construção de uma sociedade com “novas ideias”. Passaria então a ser um personagem de destaque, atuando com a expressão da palavra, escrevendo ou discursando com conteúdo nítido para todos: buscava a liberdade moderna legitimando-as pelas antigas tradições.

Em 1824, acontece a Confederação do Equador obtendo a adesão do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba. A figura de Frei Caneca é considerada como um símbolo

da rebeldia. Nas grandes assembleias públicas suas palavras eram uma das mais ouvida e procurava resumir as convergências conflitantes no interior do movimento, sem perder a aparência revolucionária. Seu jornal, *Typhis Pernambucano*, era um dos principais fatores de animação e orientação referente à Confederação. Lido ansiosamente pelos rebeldes.

Frei Caneca estava à frente do exercito de latifundiários em Pernambuco, largou pra trás sua batina e vestiu um jaleco de guerrilha, para assim, assumir o espírito de guerra.

Por fim, no dia 29 de novembro, o major Lamenha, protegido por pesada artilharia a serviço do imperador, alcança os revolucionários da Confederação do Equador e Frei Caneca é preso novamente.

O dia 13 de janeiro de 1825 é a data final de sua trajetória. A população de Recife vai às ruas para ver o, então, espetáculo de terror, sendo executado em praça pública por carrascos do Imperador.

A retórica de Frei Caneca

Frei Caneca foi influenciado pela disciplina da retórica e ela o ajudou a desenvolver discursos e textos.

Durante muitos séculos a linguagem era o principal meio de comunicação, através dela formaram-se expressões, conceitos e pensamentos, que alicerçaram concepções, construções políticas e jurídicas. Também por meio da linguagem, surgiram os primeiros publicistas, hoje conhecidos como jornalistas, que discursavam em praças públicas e ou criaram seus próprios panfletários.

A linguagem senhorial era empregada com muito realce pela sociedade conservadora, e a retórica estava amplamente ligada ao pensamento liberal, pensamento do carmelita, seus sermões, discursos, textos didáticos e o jornal *Typhis Pernambucano* são as referências para termos conhecimento de que seus trabalhos seguiam os critérios dos mestres da eloquência: Aristóteles, Cícero e Fábio Quintiliano.

O pensamento comunicacional de Frei Caneca foi produzido entre os anos de 1803 e 1824, quando elaborou e publicou seus textos, marcados pela forte atuação política, intelectual e jornalística, com grande influência do Iluminismo.

No entanto Caneca não escreveu nenhum livro sobre o jornalismo, até mesmo porque a existência dessa atividade em sua época era legitimada como publicismo. Seu pensamento comunicacional pode ser encontrado nos seguintes textos, além dos três a cima citados: *Dissertação e Oração* que foram publicados em 1979, no livro *Obras Políticas e Literárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. Além disso, Caneca foi redator do jornal *Typhis Pernambucano* entre os anos de 1823 e 1824.

Suas ideias começaram a ser expostas ao iniciar os textos didáticos, os dois primeiros, já mencionados: *Tratado de Eloquência*, dividido em três partes – A 1ª *Systema de Eloquência*, no qual apresenta a estrutura retórica e as partes do discurso; 2ª *Preceitos eloqüentes com aplicações em prosa e verso*, descreve a maneira correta da elocução, a construção de textos e discurso. E a 3ª *Verasificação Portuguesa*, Frei Caneca preocupou-se em ensinar a gramática para a construção de um bom discurso.

Em *Taboas Synopticas do Systema Rhetorico de Fabio Quintiliano* o religioso definiu a retórica como poder de persuasão, sendo associada ao exercício do magistério e a pedagogia político cultural, visando o esclarecimento a humanidade. A retórica e a eloquência eram pontos-chave para a formação das elites no século XIX e, assim, é possível fazer a ligação entre a imprensa de opinião que surgia com força no Brasil dos anos 1820 e 1830 e as duas disciplinas ministradas pelo professor Frei Caneca (MOREL, 2000).

Ao escrever o *Tratado Eloquência*, Caneca relata como trabalhar com a arte de persuadir por meio da palavra e da escrita, define a eloquência como a “faculdade de significar com deleite os pensamentos por palavras para convencer e persuadir” (1972, p.79), e a retórica “é a arte, que dirige as disposições naturais do homem no uso da eloquência” (1972, p.79). Dividindo a eloquência em seis partes: Invenção: descobrir os pensamentos mais adequados para o qual o orador se propõe; Disposição: ordenar os pensamentos; Elocução: escolher bem as palavras e colocação para exprimir os pensamentos; Memória: conservar a disposição dos pensamentos para que possa apresentá-los aos ouvintes; Pronúnciação ou declaração: nada mais é que declarar seus pensamentos; Ação: o gostou – ação, que o orador deve empregar na publicação de seus pensamentos.

Neste texto, Caneca descreve como deve ser o trabalho com essa ciência, explica suas maneiras de exposição, os objetivos, os meios de uso do orador e os meios da eloquência. Divide o trabalho da eloquência em quatro partes: A 1ª é o discurso, que é parte em que o orador dispõe o que lhe convém e o ouvinte escuta o que lhe é favorável. A 2ª é a narração, que o orador se dedica a informar os ouvintes. Esta narração também é dividida em três modos: por proposição, por participação e por narração. Ainda retrata que a narração conta com três virtudes: a clareza, brevidade e verossimilhança. A 3ª parte dos estudos do frei é de confirmação ou provas. O momento de convencer os ouvintes ilustrando o entendimento do assunto, sempre usando de argumentações com embasamentos. Por fim, a 4ª se refere à conclusão. “Depois de informar o ouvinte e convencer por provas lógicas, ele faz sua conclusão” (CANECA, 1979, p. 69). Dentro da conclusão o orador precisa fazer a recapitulação do que foi falado de maior importância. No epílogo, ele arrebatava o que se tratou na confirmação.

Nilo Pereira (1975, p. 80) diz que Caneca, ao expor a retórica, utiliza de dois verbos que resumem todas suas ações revolucionárias: convencer e persuadir, pois são elas – as palavras - que o tornaram um polemista, panfletário, doutrinador, lógico, erudito, jornalista, filósofo, jurista e analista da realidade brasileira dividido em dois caminhos: o da Pátria e o da sabedoria.

O terceiro texto didático de Frei Caneca, com influência da retórica de Quintiliano sobre a “arte de se escrever bem” foi, *Breve compendio de grammatica portugueza organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alunos*. Tal obra foi redigida durante sua prisão, entre os anos de 1817 e 1821, para ensinar os presos que não sabiam ler nem escrever e duas freiras do Convento do Desterro. Nele o carmelita se ponderou de uma metodologia que realça o uso das regras gramaticais para se escrever textos com a perfeição da escrita e da clareza.

A retórica pela sua própria ação e designação de princípios obtém sentidos e imaginação para persuadir seu público, e com este ato acaba se transformando em uma ideologia, que faz a opinião de quem a lê ou a ouve. E Frei Caneca atuou com esta intenção: de convencer os leitores da veracidade de suas teses, numa forma demonstrativa ou jurídica, que acarreta as informações na essência da sua razão para, assim, aumentar o poder de persuasão sobre suas ideologias (ou opiniões).

Pode-se dizer que, no discurso do carmelita, é impossível separar a linguagem da ideologia, pois os textos envolvem valores, crenças, opiniões e um conjunto de significados retóricos. Também há um forte teor de religiosidade na íntegra dos discursos ideológicos do carmelita.

Pereira (1975) diz que é curioso Frei Caneca citar poemas de Camões, os Lusíadas, no início de todas as edições do *Typhis Pernambucano*, e diz que isto também é retórica, pois com as citações mostram boa eloquência e intelectualidade, partindo do princípio de que a retórica é uma “arte”. “Uma nuvem, que ares escurece, Sobre nossas cabeças aparece” Camões, *Os lusíadas*, canto V (CANECA, 2001, P. 303).

Durante a Confederação do Equador, surgiu outra parte da sua produção, "*Dissertação sobre o que se deve entender por pátria do cidadão e deveres deste para com a mesma pátria*" (1822), quando preocupou-se em mostrar a possibilidade da união entre os portugueses de ambos os hemisférios, sobre os auspícios da monarquia constitucional e diz que não escreveu para homens letrados, mas sim para o povo.

Montenegro (1978) diz que este texto de Caneca pode ser considerado o melhor exemplo de sua performance com a retórica devido a sua linguagem – verossímil e clara, com demonstrações convincentes, os questionamentos sobre o verdadeiro e o moralismo. Enfim, predicativos de uma boa ação retórica.

Escreveu também *As Cartas de Pítia a Damião* (1823), publicadas no *Correio do Rio de Janeiro*, que fazem referências e críticas ao governo Imperial.

O pensamento ideológico e revolucionário de Frei Caneca pode ser bem definido nas páginas do jornal *Typhis Pernambucano*, que fez diversas críticas ao Império e orienta a população em ações de utilidade pública.

De acordo com Morel (2000), Frei Caneca, como todos os homens de letras de sua geração, independente do posicionamento político, escrevia no chamado estilo panfletário, que expressou uma das fases mais criativas e vigorosas dos debates políticos mundiais e da imprensa brasileira.

Pereira (1975) diz que Caneca era preocupado com o estilo simples e comunicativo, agia de modo que todos entendessem suas ideias e seguia, fielmente, aquilo que ensinava. Sua eloquência era simples, direta e clara, adentrava na ‘alma’ quem a ouvia ou lia, pois seus argumentos eram ligados a sentimentos e emoções como ensinou

Aristóteles e Quintiliano.

Como uma de suas maneiras de persuadir Frei Caneca usava de juízo de valores e grandes exemplos históricos, com citações de filósofos iluministas, autores gregos-romanos e até mesmo Camões. Na sexta edição, 29/01/1824, do jornal *Typhis Pernambucano*, Frei Caneca cita Montesquieu com uma forma de reforçar a sua opinião e a opinião pública. Refere-se que é necessário falar sobre o mesmo assunto diversas vezes para que o leitor entenda e firme uma opinião sobre a discussão.

Os discursos de Caneca também foram influenciados pelos acontecimentos lusos – brasileiros, passando para um padrão de jornalismo imediatista, principalmente, a partir de 1822 com a liberdade de imprensa e o surgimento de novos pasquins. Dedicou-se a lutar pela liberdade social, política e econômica de seu povo. A retórica de Frei Caneca, além de pedagógica, era política, em busca de liberdade e pregava uma sociedade onde todos fossem iguais perante a lei.

Outros aspectos da retórica apresentados por Aristóteles, Cícero e Quintiliano como a ética, crença e valores, Frei Caneca também se apossou. Na grande maioria de seus discursos falava de Deus, de Nossa Senhora, valores e princípios de uma sociedade justa, o Imperador era citado como o exemplo de um homem anti-ético. Em seu texto *Oração*, o carmelita pregou sobre a presença de Nossa Senhora e de Deus nas vidas das pessoas, e fez graves acusações contra Dom Pedro I e a corte real sobre suas ações e falta de ética com o povo brasileiro.

O único livro escrito por Frei Caneca, *História de Pernambuco*, ficou inédito, pois foi destruído pelos seus familiares. Grande parte de seus escritos integra as *Obras Polypticas e Litterárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*, organizada por Antônio Joaquim de Melo, publicada em sua primeira edição no Recife, em 1875.

Frei Caneca e a Teoria do Jornalismo

O religioso foi um grande defensor da opinião pública, liberdade de imprensa, da justiça social, dos direitos à informação e do jornalismo como utilidade pública. E, assim, construiu seu jornalismo argumentativo.

A retórica muito o ajudou no combate contra seus inimigos, construindo textos estruturados, persuasivos e de agrado da sua audiência, levando-as irem de acordo com suas ideias.

O primeiro pesquisador a comparar a retórica como origem do jornalismo foi Tobias Peucer³, no ano de 1660, na Alemanha, que defendeu a tese que caracterizou o jornalismo e as notícias. Não podemos averiguar se Frei Caneca chegou a ter acesso a tese de Peucer, pois em seus escritos não foi encontrado citações do mesmo. Porém, a referência de ambos são as mesmas: Aristóteles, Cícero e Quintiliano.

Luiz Beltrão (1976, p. 11) diz que a essência do jornalismo é a informação da atualidade, ou seja, de fatos, situações e ideias que acontecem em uma determinada sociedade. Diz que numerosos são conceitos de jornalismo, uns objetivos, outros literários, alguns positivos e outros puramente retóricos. O autor completa dizendo que a função da imprensa não é simplesmente informar e apurar fatos e ideias, mas também de examiná-los, propor soluções, ensinar a sociedade. O jornalismo, ao colocar em evidência acontecimentos diários, tem por obrigação interpretar corretamente os fatos, pois a informação orienta e dá direção à sociedade.

Pode-se observar que a atuação de Frei Caneca foi com os mesmo objetivos: informar os cidadãos, trazer conhecimento, orientar a sociedade e a opinião pública, construir uma democracia justa, em que todos tivessem o mesmo direito. Pode-se, também, dizer que o carmelita ajudou na prática do “Quarto Poder”, narrando os fatos históricos da época, indo contra o Império. Como já apresentando, Caneca por inúmeras vezes descreveu a importância de manter os cidadãos informados e fazendo a prática do jornal como serviço de utilidade pública para a sociedade.

Outra questão a ser debatida é a objetividade do jornalismo. Marques de Melo (2006) diz que a objetividade não é um assunto novo, e foi adquirida desde que o periodismo tornou-se uma autonomia social. O autor diz que o jornalismo inglês atribui à informação o caráter de neutralidade e imparcialidade. Neste ponto, Frei Caneca, em seu décimo quinto jornal, diz que seu jornalismo era imparcial e neutro, e era esta a maneira que todos os periódicos precisavam seguir.

³ A tese de Tobias Peucer foi apresentando neste capítulo.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Marques de Melo continua seu pensamento dizendo que a objetividade converteu-se em *verdade absoluta*, após o jornalismo implicar como uma atividade comercial e industrial. Esta verdade absoluta, era o verossímil retórico, se que dizia ser a verdade a partir do ponto de vista do orador e com os mesmo princípios originou-se a subjetividade jornalística, que são ideias, ideologias e opiniões que apontam as notícias. Melo (2006) acrescenta que uma das motivações do jornalista é o direito de emitir suas ideias e pontos de vista sobre os acontecimentos.

De acordo com a teoria jornalística descrita por Marques de Melo (2006), a objetividade não é um assunto ultrapassado, e sim uma questão complexa e sempre atual. Para alcançá-la o jornalista precisa ser éticos, exercer um comportamento político, e “ver e ouvir, avaliar e comparar, descrever e explicar, precisar e comprovar” (p.50). E, para noticiar, o jornalista precisa, sempre, atender três valores:

- *Veracidade*: circunscrição ao real, factível, comprovável.
- *Clareza*: identificação dos elementos que permitam ao interlocutor, a reconstituição integral do objetivo narrado.
- *Credibilidade*: apresentação de indícios e evidências suficientes para suscitar a confiança coletiva.

Neste contexto, Frei Caneca descreve a narração do discurso, a segunda parte da preleção e é “dedicada para informar os ouvintes” (1972, p.82). O carmelita diz que a narração pode ser feita de três modos: 1) Por proposição, que é a informação do assunto destacando apenas um ponto; 2) Por participação, que informar o assunto destacando diversos pontos; 3) Por narração (restrita) que é a informação do assunto destacando todas as ações de importância. Sendo que, as virtudes da narração são três: 1) Clareza; 2) Brevidade; 3) Verossimilhança.

A narração será clara, si o orador empregar palavras próprias, e não sórdidas, desonestas ou baixas; servir-se de palavras expressivas, não esquisitas ou desusadas, fizer a devida distinção das causas, das pessoas, dos tempos, dos lugares, e das coisas; e usar de uma pronuncia inteligível. A narração será breve, si o orador não introduzir objetos estranhos ao assunto, e cortar tudo o que não fizer falta sensível em

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

ordem e clareza. A narração será verossimilhante, si o orador consultar a boa razão, para não dizer as razões e os motivos antes dos fatos; der às pessoas os respectivos e convenientes caracteres; atender às circunstâncias de lugar, tempo, etc; dispor o enredo dos incidentes da narração de sorte que de um passe naturalmente a outro; lançar em a narração as sementes das provas; e usar das competentes preparações oratórias (CANECA, 1972, p.83).

Comparando as duas definições, observamos que ambos os autores tem o mesmo objetivo. Tornar transparente e democrático a informação, para que todos têm acesso, e de maneira ética.

Observou-se a estrutura do discurso argumentativo descrita pelo Carmelita, que é a mesma de Aristóteles e Quintiliano⁴: o exórdio, parte em que se apresenta o assunto a ser tratado, um resumo; narração, as informações; confirmação ou refutação, exposição das provas; peroração, a conclusão do discurso, pode ser comparada com técnica da construção da notícia jornalística.

Beltrão (2006) relata que a narração jornalística consta três partes, sendo duas como que matérias – cabeça e corpo, e a outra é a essência da informação, o clímax. A cabeça é o resumo da notícia, dos fatos narrados e da informação. “Fica localizada nas primeiras linhas do texto, e é o que os americanos chamam de lead” (p.96). Nesta parte, surgem os elementos estruturais básicos do acontecimento: a ação, o agente, o tempo, o modo, o lugar e o motivo. Vale ressaltar, que a base do lead é responder a cinco perguntas: O que? Quem? Quando? Por que? Como? Seu outro objetivo é estimular o leitor a continuar lendo sobre o assunto, por isso preciso chamar a atenção do público alvo.

O corpo da notícia tem por objetivo afirmar o que foi apresentando no primeiro parágrafo, e dar ao leitor uma melhor compreensão da notícia obedecendo à ordem de importância ou cronológica. “Na redação do corpo da notícia, o jornalista goza de maior liberdade de criação, seleção e estilo (...), dando ao público a informação sumária” (BELTRÃO, 2006, p.98). Cada item anunciado na cabeça terá que ser melhor descrito, com novos elementos, indo de acordo com os valores jornalísticos e a técnica de redação.

Sobre o clímax, Beltrão (1969) diz que é o complemento mais importante da notícia, o ponto chave da informação que faz o leitor prender toda sua atenção.

⁴ As partes do discurso foram descritas no capítulo 02.

Fazendo a comparação, chega-se a seguinte conclusão: o texto argumentativo inicia-se com o exórdio - a apresentação e o resumo do assunto a ser tratado, para o texto jornalístico o lead; a narração - a informação ao público, cujo para o jornalismo é a narração dos fatos, o assunto da matéria sendo exposto; a confirmação e refutação - confirmação das provas, usar provas lógicas para convencer o público, aqui o jornalismo utiliza de depoimentos e citações para confirmar o que foi escrito, ou até o clímax descrito por Beltrão; e, por fim, a peroração - o orador faz uma recapitulação do assunto tratado e conclui seu pensamento. E para o jornalismo esta parte tem a mesma função, concluir o que foi exposto.

Sabe-se que as comparações entre a teoria do jornalismo e a retórica são diversas. Porém, nossa meta era esboçar o pensamento comunicacional - jornalístico de Frei Caneca, sendo pioneiro nos estudos e na construção de uma teoria brasileira comparando sua retórica, seus ideais, com toda sua produção, sendo o jornal *Typhis Pernambucano* ou as obras didáticas, e, também, confrontando seu pensamento com os atuais estudos da Teoria do Jornalismo.

Considerações finais

Enfim, são inúmeras as vezes que o carmelita se refere à opinião pública, a liberdade de imprensa e direitos dos cidadãos. Nessas ocasiões, é possível averiguar o seu aprendizado retórico e como ele a aplicou, de uma maneira convincente, com clareza e verossímil. Frei Caneca tinha o estilo panfletário polêmico, e usava das palavras para insultar seus adversários, planejava sua retórica em tom de desafio e irônico, no qual saía como herói no final, e tudo isso pelos seus ideais políticos.

Seguindo os padrões de publicação da época, Frei Caneca não se preocupava em criar regras ou hierarquias no jornal, não existia manchete, as matérias e opiniões eram distribuídas por seções, como por exemplo, Rio de Janeiro e Pernambuco que eram fixas, com a intenção de apenas situar o leitor sobre o assunto em discussão.

O *Typhis Pernambucano* teve 28 publicações, encerrando-se em agosto de 1824, com a derrocada da Confederação do Equador, movimento republicano e federalista de contestação à ordem monárquica centralizadora, do qual Frei Caneca foi um dos expoentes. O jornal teve repercussão e era lido em todo o país, como comprovam as

cartas dos leitores.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BARTHES, Roland. A retórica Antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BELTRÃO, Luiz.. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulinas, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.
- BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**; tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**; tradução Ana Paula Castellani. São Paulo: Loyola, 2002.
- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. Organização e introdução: Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Editora 34, 2001.
- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Obras políticas e litterárias de frei Joaquim do Amor Divino Caneca**. Organização de Antônio Joaquim de Melo. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.
- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Gramática Portuguesa e Tratado de Eloquência**. Rio de Janeiro: Gráficas do Colégio Pedro II, 1972.
- CALMON, Pedro. Prefácio. In: CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Gramática Portuguesa e Tratado de Eloquência**. Rio de Janeiro: Gráficas do Colégio Pedro II, 1972.
- CARMO, Valdemir Manoel do. **A argumentação e os processos retóricos no jornalismo opinativo**. 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- CARMONA, Alfonso Ortega. Prefácio. In: QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae: Sobre La formación del orador**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Tombo I, II e III.
- CARRILHO, Manual Maria (org.). **Retórica e Comunicação**; tradução Fernando Martinho. Lisboa, Portugal: ASA, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém de 'além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 13.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação (org.) 2º Edição**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.
- FERRAZ, Socorro (Org.). **Frei Caneca: acusação e defesa**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.
- FIGUEIREDO, A. Cardoso Borges de. **Instituições elementares de Rhetorica: para uso das escolas**. 7.ed. Coimbra: Universidade, 1870.
- GIORDANI, Rosselane. Jornalismo Opinitivo: Estratégias retóricas. **Revista Trama: Revista do Curso de Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon de Cascavel**, v.01, n.02, p. 233-246, dez. 2005.
- GULLA, Maria; PERIOTO, Marcília. Frei Caneca e o jornal Typhis Pernambucano: a formação da consciência revolucionária no primeiro império brasileiro. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação, 07, 2008, Porto. **Anais eletrônicos**. Porto, Portugal: Universidade dp Porto, 2008. Disponível em: <http://web.lettras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx>. Acesso em: 03/08/2009.
- HALLIDAY, Teresa Lúcia. **O que é retórica?** São Paulo: Brasiliense, 1990.

- HALLIDAY, Teresa Lúcia. **Vozes do discurso; o conceito de persona em teoria da comunicação.** (Apresentado no GT de Teoria da Comunicação do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Aracaju, 1995). Recife, Universidade Rural de Pernambuco, 1995. 16 p. (Mimeogr.).
- HULKELMANN, PE. Theodoro. O sacerdote. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaaios universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca).** Recife: Editora Universitária, 1975.
- JUNIOR, Enio Moraes. O pensamento comunicacional de Frei Caneca: Pistas para uma formação e atuação cidadã do jornalista. In: Encontro Nacional de professores de jornalismo, 10., 2007. **Anais eletrônicos.** Goiânia: FNPJ, 2007. Disponível em: <<http://www.fnpi.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=61&cf=1>>. Acesso em: 07/04/2009.
- LAGE, Nilson. **A linguagem jornalística.** 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LUTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LUTOSA, Isabel. **Insultos Impressos – A guerra dos jornalistas na Independência 1821-1823.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: Compreensão e reinvenção.** São Paulo: Saraiva, 2009.
- MARQUES DE MELO, José. (coord). **Identidades Culturais Latino-americanas em tempo de comunicação global.** São Paulo: Umesp, 1996.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras.** São Paulo: Paulus, 2006.
- MARQUES DE MELO, José. **História do Pensamento Comunicacional Brasileiro – Cenários e Personagens.** São Paulo: Editora Paulus, 2003a.
- MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003b.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003c.
- MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa Brasileira – Personagens que fizeram a história.** Vol.3. São Paulo: Editora Imprensa Oficial Sp, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. Estudos de mídia no Brasil: identidades & fronteiras. **Comunicação & Sociedade.** Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, n. 30, p. 10 - 50. 1998.
- MARQUES DE MELO, José, GOBI, Maria Cristina, KUNSCH, Waldemar Luiz. **Matrizes Comunicacionais Latino – Americanas – Marxismo e Cristianismo.** São Bernardo do Campo. Editora Metodista, 2002.
- MARQUES DE MELO, José; DINES, Alberto; VOGT, Carlos (org.). **A imprensa em Questão.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MARQUES DE MELO, José. A teorização do jornalismo no Brasil: as origens à atualidade. In: SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia.** Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. Práxis, memória e cognição no jornalismo. **Matrizes:** Revista do Programa em Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, ano 02, n.02, p. 117-138, 1º semestre de 2009.
- MARQUES DE MELO, José. Os primórdios do ensino de jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia:** Revista [Programa de Pós-Graduação em Jornalismo](#) da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 01, n. 2. 1º Semestre 2004. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/330/showToc>>. Acesso em: 13/11/2009.

MARQUES DE MELO, José. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: Congresso Brasileiro da Ciência da Comunicação, XXXIII, 2010, Caxias do Sul/RS. **Anais eletrônicos. Caxias do Sul: Intercom, 2010.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2215-1.pdf>>. Acesso em: 08/09/2010.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. O pensador. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaios universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Liberalismo Radical de Frei Caneca**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MOREL, Marco. **Frei Caneca**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

MOREL, Marco. **Frei Caneca – Entre Marília e a Pátria**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: DE LUCA, Tania Regina, MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaios universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo Rochas Dias. **Comunicação & Sociedade**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, ano 22, n. 33, p.199-214, 1º semestre 2000.

PEREIRA, Nilo. O orador. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaios universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae**: Sobre La formación del orador. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros I, II e III.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae**: Sobre La formación del orador. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros IV, V e VI.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae**: Sobre La formación del orador. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros XII.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia: Revista [Programa de Pós-Graduação em Jornalismo](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/330/showToc) da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 01, n. 2. 1º Semestre 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/330/showToc>>. Acesso em: 13/11/2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Teorias da notícias e do jornalismo. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**. Florianópolis, v.1, n.02, p.31-48, 2º semestre 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 16/05/2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são? 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005. 2v.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. 2v.

VILAR, Gilberto. **Frei Caneca 1779/1825 Gestão da Liberdade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.